

NAS DOBRAS DO TEMPO: A NARRATIVA DE GRACILIANO RAMOS

VALÉRIA APARECIDA DE SOUZA MACHADO*

Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Resumo

Como forma polifônica por excelência, o romance relaciona-se, comunica-se e acolhe outros gêneros. Nessa linha de reflexão, este ensaio propõe estabelecer algumas aproximações entre o romance **São Bernardo** e o conto “Um ladrão”, ambos de Graciliano Ramos. Nos dois textos será levada em conta, principalmente, a questão do outro, mesmo que analisada de modo diverso. A abordagem do tempo terá grande relevância, na medida em que ele será considerado como elemento intimamente ligado à experiência humana, às relações estabelecidas entre o eu e o outro.

Palavras-chave: Romance. Gêneros literários. Eu/outro. Intersubjetividade. Tempo.

O romance é um gênero inacabado, em construção e, por isso mesmo, aberto à comunicação com outros gêneros. Se tomarmos como exemplo a obra de Graciliano Ramos, veremos que a interpenetração de um gênero em outro vai desde a abordagem de um tema comum até a migração de frases e personagens de um livro para outro ou de um conto para um romance, fazendo dialogar crônica, conto, ficção e memórias. Algo que foi apenas mencionado numa crônica ou conto aparece, mais tarde, desenvolvido de modo mais detalhado em um romance ou nos escritos memorialísticos. **Vidas secas**, por exemplo,

parece transitar entre romance e livro de contos; sua escrita, inclusive, baseou-se num conto de nome “Baleia”, publicado pela primeira vez no jornal argentino **La Prensa** (1937). No romance, Baleia figura como uma das personagens, merecendo um capítulo inteiro só para si. Ressalte-se o próprio modo como o livro se estrutura: os capítulos, mais ou menos autônomos, escritos com economia por meio de frases enxutas e incisivas, as personagens focalizadas uma de cada vez, parecem mais contos do que capítulos de um romance. O fio condutor que os liga é a recorrência dos temas, dos motivos e das personagens. O conto “Um ladrão”, do livro **Insônia** (2001), traz como uma das personagens, Gaúcho, que aparece em **Memórias do cárcere** (2001) como personagem biográfica, tendo exercido grande influência sobre Graciliano Ramos ao contar suas histórias e aventuras durante o período da prisão.

Pensando nessa confluência entre os gêneros na obra de Graciliano Ramos, escolhi, para este ensaio, o romance **São Bernardo** e o conto “Um ladrão” a partir de um dos cruzamentos que me pareceu mais significativo: a questão do outro, tratada nos dois textos, ainda que de modo diverso. A questão do outro leva, por sua vez, a uma reflexão sobre a questão do tempo que, aliás, mostra-se cara a Graciliano Ramos, quando coloca em cena ficcional o homem com seus dramas e conflitos, ou mesmo quando escreve suas próprias memórias. Por isso mesmo, o tempo, aqui, será tomado não em seu aspecto mensurável, objetivo, mas como experiência; como algo intimamente ligado ao eu e ao outro, cujas relações se dão no tempo e no espaço.

Para tanto, faz-se necessário considerar, primeiramente, que o sujeito se constitui a partir de suas relações com o outro, tendo a linguagem como parte central desse processo. É nesse sentido que Bakhtin (1981) propõe a linguagem como espaço da intersubjetividade, já que é pela relação do eu com o outro que o sujeito se constitui e se percebe como tal. Dito de outro modo, é na tensão que se estabelece entre a minha palavra e a palavra do outro que posso perceber a mim mesmo e ao mundo no qual estou inserido. Da mesma forma, Benveniste (1989) sustenta que o processo de enunciação supõe um “Eu” que se dirige a um “Tu” no processo discursivo, sendo que a subjetividade se constrói quando as experiências de um indivíduo passam pelo outro e são contrapostas às experiências desse outro. Por isso mesmo, ao nos apresentar noções distintas

de tempo, Benveniste ressalta o tempo da língua como um tempo singular, pensando-o em termos da relação dos sujeitos entre si e com o mundo. Assim, as relações espaciais e temporais são organizadas tendo como ponto central de referência o sujeito e não o fato em si. Isso significa dizer que a expressão da temporalidade está relacionada ao domínio da subjetividade, ou seja, é a partir do presente da fala, do “tempo em que se fala”, que outros tempos serão distinguidos por um sujeito que está em pleno exercício da linguagem. Trocando em miúdos, Benveniste está se referindo ao tempo como vivência, como experiência do sujeito.

Desse modo, e levando-se em conta que a noção de tempo em Graciliano Ramos está intimamente ligada à experiência humana, proponho observar como a questão do outro é tratada nos dois textos escolhidos.

No que se refere a **São Bernardo**, tomo emprestadas algumas passagens da análise de João Luiz Lafetá (2004), que julgo importantes em relação à reflexão aqui empreendida. Uma dessas passagens refere-se às marcações temporais no romance que cumprem, além de outras coisas, o papel de caracterizar a personagem Paulo Honório, bem como de refletir suas ações. Conforme Lafetá,

“a rapidez rítmica da sucessão de fatos reforça a caracterização de Paulo Honório como um elemento dinâmico por natureza, cujo impulso arrasta o mundo atrás de si.” (LAFETÁ, 2004, p. 79).

Por outro lado, o ritmo acelerado da narrativa e dos episódios, o tempo que parece seguir sempre veloz e em linha reta, marca da modernidade, indica a direção a um objetivo. E Paulo Honório aparece como representante desse tempo que é refletido no dinamismo e precisão com que a personagem conduz suas ações, sempre em função do comando e da posse.

A esse tempo veloz que massacra e reifica o homem, Graciliano opõe um outro tempo: o tempo do outro, da experiência com o outro. É o outro, no caso representado por Madalena, que vem quebrar a velocidade e a sucessão das ações de Paulo Honório. Interessante é observar que a marcação temporal se dá em todo o romance, inclusive no capítulo que narra a morte de Madalena.

Entretanto, a partir desse episódio, que coincide com a escrita de seu livro, Paulo Honório parece perder a noção do tempo. Aos poucos, o tempo cronológico e sucessivo perde sentido para dar espaço ao tempo que não é medido nem controlado: o tempo experienciado. Perdido nesse tempo, Honório inicia a escrita de seu livro e, no emaranhado do tempo que vai e volta, a personagem revive experiências, revisita a memória. Ainda de acordo com Lafetá, a marcação do tempo, antes feita de forma sucessiva e precisa, “parece escapar ao domínio do narrador” (LAFETÁ, 2004, p. 100):

Uma pancada no relógio da sala de jantar. Que horas seriam? Meia? Uma? Uma e meia? Ou metade de qualquer outra hora? [...] (RAMOS *apud* LAFETÁ, 2004, p. 100).

Quando Paulo Honório se coloca no tempo da enunciação, quando entra no tempo da memória e da experiência, ele se volta sobre si mesmo e, então, enxerga o outro.

Em sua análise sobre o outro na obra de Graciliano Ramos, Luis Bueno (2006) aponta Paulo Honório como alguém que via o mundo apenas sob seu ponto de vista, não se importando com o outro, a quem ele tentava dominar ou dele se livrar. No entanto, Bueno enxerga o que ele chama de “uma brecha” em Paulo Honório através da qual ele vê o outro quando este o atinge. O abalo da pseudo-onipotência de Paulo Honório ocorre, justamente, quando ele percebe Madalena e vê que é impossível negar sua presença. A partir do capítulo XIX, que narra a primeira briga do casal, mostrando exatamente o outro como diferença, percebe-se a quebra da linearidade com que os episódios vinham sendo narrados, passando a prevalecer um ponto de vista mais subjetivo. Percebe-se, nessa quebra do ritmo narrativo, que o próprio “Eu” também se quebra diante do outro, como bem aponta Ivete Walty (1998), no texto “Graciliano Ramos: escrito a mão”. Nesse artigo de 1998, WALTY mostra que na escrita, como espaço de contradição, a dualidade do eu versus o outro é exposta em **São Bernardo** pela fissura que ocorre na figura forte e compacta de Paulo Honório quando ele toma conhecimento do outro, causando, por isso mesmo, um estranhamento em si próprio.

“Um ladrão” é um dos contos analisados em minha dissertação de mestrado que tratou o tema da violência, tendo como foco o assalto e os sujeitos aí envolvidos. No intuito de verificar, textualmente, como essa interação se construiu, tentei aproximar a relação entre assaltante e assaltado do próprio processo de interação verbal para perceber em que situações houve choque ou ruptura na relação que o assalto envolve, na medida em que um “Eu”, como sujeito, não possibilitou ao outro também se constituir como sujeito. Considerando as particularidades dos contos analisados na dissertação, o assalto foi tomado não só como ato que visa à obtenção de bens materiais, mas que rouba do outro algo a mais, o direito de ser sujeito.

Passemos agora ao conto, iniciando com uma pequena paráfrase: em “Um ladrão”¹ o protagonista invade uma casa na calada da noite no intuito de roubá-la. Num misto de medo e coragem, o ladrão perambula pelos cômodos da casa, tomado pela dúvida entre desistir do roubo ou continuar a avançar em direção ao andar de cima, onde pensa que encontrará objetos de valor. Finalmente, o ladrão invade o quarto onde os donos da casa dormiam e rouba uma carteira cheia de notas. Já satisfeito e preparando-se para deixar a casa, depara-se com uma jovem que dormia em seu quarto com os seios à mostra. Diante dessa imagem ele se atordoa: o roubo e o dinheiro passam a um segundo plano, dando lugar a um desejo incontrollável de beijar a moça. Após o tumulto que se cria quando esta acorda assustada e vê aquele homem à sua frente, a polícia é acionada e o ladrão acaba preso pelo delito cometido.

Aparentemente realista e descritivo, o conto se tece como espaço para que o mundo interior do ladrão seja colocado à mostra, na medida em que sua própria subjetividade vai sendo construída por meio de ações e pensamentos; emoções, necessidades e desejos. O ladrão, socialmente excluído e no anonimato (a personagem não ganha nome, é ladrão e tem uma trajetória de vida de sofrimento e desamparo) tem, no espaço textual, lugar privilegiado para se construir enquanto sujeito. Já no início da narrativa percebe-se a intenção autoral em fazer da escrita o lugar de inscrição da subjetividade do outro, quando o ladrão utiliza uma caneta para abrir a porta da casa: “Levantou-se, chegou-se à porta, meteu a caneta na fechadura... A lingueta correu macia, uma folha da porta descerrou (...)” (RAMOS, 2001, p. 23). É justamente a partir desse momento que a narrativa ‘abre’ o espaço textual para falar sobre a personagem, sobre suas necessidades e seus desejos. Por isso mesmo, é preciso considerar que a caneta remete à questão da escrita, que, por sua vez, passa pela subjetividade do próprio autor e não somente da personagem.

Interessante, também, é o entrelaçamento que se opera entre a voz do narrador (de 3ª pessoa) e o monólogo interior do ladrão que, quando se apresenta em sua forma indireta, dá a impressão de uma simbiose entre narrador e personagem. No jogo narrativo, a voz do narrador aparece e desaparece para que a voz da personagem seja ouvida, ainda que pelo silêncio:

Desceu a rua, entrou no café da esquina, espiou as horas e “teve desejo de tomar uma bebida.” Não tinha dinheiro. “Doidice beber álcool em semelhante situação. (RAMOS, 2001, p.21, destaques nossos).

Ao se construir aos poucos como sujeito, o ladrão tem o narrador como seu interlocutor.

A presença do monólogo leva, ainda, à discussão do tempo: o monólogo suspende as marcações do tempo cronológico, instalando a presença de um tempo interior que prolonga as experiências sem marcação de início e fim. Recorde-se que em **São Bernardo** o tempo cronológico é marcado de modo sucessivo e preciso em quase todo o romance, só deixando de ser sistematizado quando Paulo Honório experimenta a escrita; quando entra no tempo da enunciação. Em “Um Ladrão”, ainda que o tempo cronológico teime em se marcar (o ladrão observa o relógio de bolso; há um relógio na sala da casa cujas badaladas marcam as horas), é o tempo interior que prevalece para mostrar a importância das vivências subjetivas da personagem. O jogo com os tempos verbais, em que se intercalam passado, presente e futuro, impossibilita a distinção entre realidade e fantasia, memória e imaginação:

Levantou-se, chegou-se à porta, meteu a caneta na fechadura. O tremor das mãos havia desaparecido... Estacou surpreso: como nunca havia trabalhado só, imaginara que a fechadura emperrasse... Entreabriu a porta. Avançou, temendo esbarrar nos móveis... Achou-se fraco, sem coragem para fugir ou defender-se (RAMOS, 2001, p. 23-24).

As ações, atualizadas no presente da enunciação, misturam-se às lembranças e reminiscências do passado, fazendo acentuar o estado emocional da personagem e revelando sua frágil personalidade, seus medos, seus desejos:

Durante minutos lembrou-se da escola do subúrbio e viu-se menino triste, enfezado. A professora interrogava-o pouco, indiferente. O vizinho malencarado, que o espetava com pontas de alfinetes, mais tarde virara soldado. A menina de tranças era linda, falava apertando as pálpebras, escondendo os olhos verdes. (RAMOS, 2001, p. 22-23).

Ao embaralhar as ações, o comportamento e as sensações do ladrão dentro da casa com suas lembranças e devaneios, a narrativa desloca a personagem da realidade das cenas para traçar, no e pelo espaço interior dela, sua personalidade, enfatizando seus apelos, seus desejos e necessidades. A imagem do queijo é um bom exemplo: “Mas pensou num queijo visto sobre a geladeira e sentiu água na boca.” (RAMOS, 2001, p. 21). Por várias vezes durante a narrativa, o ladrão pensa no queijo e isso o desvia de seu objetivo em relação ao roubo: “Estupidez arriscar-se tanto por um pedaço de queijo.” (RAMOS, 2001, p. 25). Além de se relacionar à questão da demanda, ou seja, o ladrão procura o queijo para suprir a necessidade de fome, pode-se pensar que o queijo também está relacionado à questão do desejo. Não é à toa que essa imagem não lhe sai da cabeça: “Vira um queijo sobre a geladeira dois dias antes. Chegou-se à escada, apoiou-se ao corrimão, voltado para a copa. Realmente não tinha fome.” (RAMOS, 2001, p.25). Fica, então, incomodado quando percebe que o queijo já não está mais sobre a geladeira, restando um desejo provocado por essa ausência: “Onde estaria o queijo que na antevéspera se achava em cima da geladeira? Procurou-o de balde.” (RAMOS, 2001, p. 32).

É assim que, paulatinamente, a narrativa vai construindo esse outro como sujeito. O próprio corpo do ladrão se inscreve como espaço de emoções e afetos. É no corpo que sua história se marca e se enuncia através dos movimentos, das sensações de medo e insegurança, das lembranças e pensamentos desconexos, misturando realidade e fantasia: “Aproximou-se do morro, as pernas bambas, tremendo como uma criança... De repente sentiu grande medo, pareceu-lhe que o observavam pela frente e pela retaguarda... a rua encheu-se de emboscadas.” (RAMOS, 2001, p.22). As posições em que se colocava dentro da casa – escondido, encolhido, agachado, de cócoras, engatinhando – pareciam remetê-lo a outro tempo, o tempo da infância: “Avançou, ‘de cócoras’... permaneceu ‘encolhido’... achou-se ridículo, ‘agachado’, em ‘posição torcida’. [...] ‘Engatinhando’, aproximou-se do guarda-vestidos...” (RAMOS, 2001, p.27, destaques nossos).

Outro aspecto interessante em relação aos dois textos é pensar que em **São Bernardo** Paulo Honório está inserido no sistema capitalista e é reflexo desse sistema, agindo de acordo com ele. O tempo, para Honório, segue o ritmo do progresso e mesmo

quando recorre às lembranças do passado e da infância o faz para contabilizar seus ganhos ou prejuízos, para avaliar seus progressos. Paulo Honório reforça, o tempo todo, o mecanismo ideológico e age no sentido de manter essa ideologia, na medida em que não reconhece o outro ou quando tenta reificá-lo. Na proposta da narrativa tem-se que, no embate com o poder do sistema, Madalena é a única que não cede à reificação, escapando dela pela morte. Observe-se, no entanto, que a morte pode ser vista, também, como a vitória da reificação, já que representa a destruição do que é humano.

Em “Um ladrão”, o rapaz é um pária colocado fora do sistema e a invasão da casa pode representar, além de outras coisas, uma forma de afrontar a sociedade que o exclui. Por não se sentir capaz de ser sujeito – não pode falar nem ser ouvido – ele invade o espaço do outro para se tornar visível. É interessante observar, por outro lado, que, mesmo como excluído, em alguns momentos da narrativa o ladrão ressalta o mecanismo ideológico. Exemplo disso é quando se julga fraco e incapaz: “Também um desgraçado como ele meter-se em semelhante empresa! Tinha capacidade para aquilo? Não tinha... Que é que sabia fazer?” (RAMOS, 2001, p. 26). Também quando acredita que o dinheiro e a propriedade lhe consignariam o respeito da sociedade: “contaria depois a grana... Abandonaria o morro... Ia endireitar, virar pessoa decente.” (RAMOS, 2001, p. 28). O ladrão invade a casa em busca de algo material, algo que pudesse igualá-lo ao outro para dele obter o reconhecimento. Entretanto, a narrativa se tece de modo a desconstruir o mecanismo ideológico quando mostra que são coisas de outra ordem que o ladrão encontra ao invadir a casa, permitindo que ele se constitua como sujeito no desenrolar das ações e acontecimentos.

Em relação à construção dessa subjetividade, interessa ressaltar, um pouco mais, a questão do tempo. A se pensar em termos de enunciado, o tempo cronológico deveria ter privilégio em “Um ladrão”, ou seja, o previsível não seria que o roubo ocorresse no intervalo de tempo em que os donos da casa dormiam, a fim de que o ladrão saísse sem ser percebido? A insistência das badaladas do relógio na sala, indicando as horas parece, inclusive, cumprir a função de interromper lembranças ou momentos de fantasia e evasão subjetiva para trazer a personagem à realidade da ação que praticava. Ao dar outro tratamento ao tempo, a

narrativa prolonga estados e sensações, imprime uma idéia de inconclusão e incerteza aos enunciados; tudo para realçar o mundo interior do ladrão. Seus afetos e emoções sobrepujam o aspecto material relacionado ao roubo.

Por exemplo, a imagem da moça que dormia num quarto com os seios à mostra, trazendo a lembrança da menina de olhos verdes que o ladrão conheceu na infância, move, nele, o desejo. Desejo que busca, nas imagens da menina e da moça, a figura feminina e/ou materna. Com isso, a demanda que incidia sobre o objeto dinheiro passa a se dirigir ao Outro, numa exigência de amor. O dinheiro perde sua essencialidade enquanto objeto diante da mudança causada pela imagem da moça: “O maço de notas, adquirido facilmente, nem lhe dava prazer.” (RAMOS, 2001, p. 33). Nesse momento, nada mais importa a não ser a busca pela satisfação do desejo que se materializa no beijo dado na boca da mulher que dormia. O próprio tempo se suspende para que o ladrão experimente o prazer daquele pequeno instante de felicidade advindo do beijo roubado, mesmo diante de todos os riscos.

Em **São Bernardo**, como se viu, percebe-se uma fratura tanto em relação ao “Eu” absoluto de Paulo Honório quanto em relação ao tempo. É quando percebe o outro (Madalena) que Paulo Honório passa a perceber um outro tempo. As lembranças e reminiscências assumem outro valor, levando-o, inclusive, a repensar seus atos e se perceber estilhaçado; estranha-se a si mesmo e reconhece o outro como diferença. Como enfatiza WALTY (1998) no artigo já citado, ao perceber suas falhas, Paulo Honório coloca em cena as falhas também do sistema no qual está inserido, mesmo que se sinta impossibilitado de promover qualquer mudança.

Retomando a questão do assalto tratada no conto e fazendo uma relação, ainda que enviesada, com o romance **São Bernardo**, podemos pensar que o outro (Madalena) rouba o eu absoluto de Paulo Honório, deixando nele lacunas que não se preenchem justamente porque fazem-no perceber a dualidade, as contradições que envolvem a relação entre o eu e o outro. Em “Um ladrão”, o rapaz anônimo, o “não-eu” ou a “não-pessoa”, constrói-se como sujeito na medida em que o conto ressalta a vitória do desejo, elemento constituinte do homem. Ao dar visibilidade ao que é humano, aos sentimentos e desejos, o

conto se faz palco para que o ladrão seja visto como sujeito. Interessante é notar que as duas personagens emergem como sujeitos na linguagem textual, mesmo diante de seu silêncio: Madalena, pela morte, e o ladrão, pela condição de pária social.

É preciso ressaltar, então, que essa construção do outro, nas duas narrativas, passa pela mediação do escritor Graciliano Ramos; pela mediação da escrita, confirmando que a linguagem é mesmo o espaço da intersubjetividade, do embate e do encontro de um homem com outro e também consigo. A linguagem, sobretudo a literária, é, por isso mesmo, lugar de conflito e contradição. Isso porque encena-se aí a própria construção da subjetividade.

ABSTRACT

As the most polyphonic of the literary forms, the novel harbors other literary expressions, by relating to and communicating with them. With this in mind, this essay proposes to establish some parallels between the novel *São Bernardo* and the short story "Um ladrão", both written by Graciliano Ramos. In both texts, the role of the other will be specially considered, even when analyzed by different perspectives. Focusing on the temporal aspect will be of great relevance, as time is considered an element intimately tied to human experience and to the relationship established between the ego and the other.

Keywords: Novel. Literary expressions. Ego/other. Intersubjectivity. Time.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.

Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1981, p. 110-127.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas (SP): Pontes, 1989. p. 68-80.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed.. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005, p. 284-293.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: BOSI, Alfredo. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 461-479.

BUENO, Luis. A erupção do outro: **São Bernardo**. In: BUENO, Luis. **Uma história do romance de 30**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2006, p.606-618.

CORTÁZAR, Julio. Do conto breve e seus arredores. In: CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993, p. 227-237.

LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia. In: LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. Organização Antônio Arnoni Prado. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2004, p.72-102.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen com a colaboração, para a terminologia usada em Portugal, do Dr. João dos Santos. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

MEYERHOFF, Hans. **O tempo na literatura**. Tradução de Myriam Campello. São Paulo: Editora Mc.Graw-Hill do Brasil Ltda., 1976.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, Série Fundamentos, 1988.

RAMOS, Graciliano. **Insônia**. 27 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: 37ª ed. v.1 - 2. Rio de Janeiro. Record, 2001.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Graciliano Ramos: escrito a mão. In: **Jornal Muito mais**. São Paulo: Editora Muito +, maio/junho/1998, p.33.